

A EROTIZAÇÃO DO COTIDIANO NA POÉTICA DE LUIS CARLOS GUIMARÃES

Ilane Ferreira Cavalcante (IFRN)¹

José Marcelino Ferreira Júnior (SEEC/RN)²

RESUMO: O presente trabalho analisa aspectos temáticos da obra do poeta norte-rio-grandense Luis Carlos Guimarães. A intenção primeira deste artigo focaliza, no entanto, um tema em particular: a representação do feminino a partir da erotização de elementos do cotidiano. Especificamente na poética desse autor, percebe-se que a erotização desses elementos sempre passa por uma feminização. Como o erótico está invariavelmente ligado ao amor e ao sexo e essa dupla ligação tem levado a vários estudos sobre sua presença em todas as áreas do conhecimento, não há como negar, portanto, a sua importância dentro da literatura, até mesmo como propulsor do fazer poético tanto feminino quanto masculino. A fim de analisar mais a fundo essas questões, tomou-se como aporte teórico as discussões promovidas por Octavio Paz, em *A Chama dupla* (1993), e Georges Bataille em *O Erotismo* (1997). A visão desses dois autores sobre o erotismo permitiu estabelecer as ligações necessárias com o fazer poético e perceber como a literatura erótica tem sido vista ao longo da história: obscena, menor, pornográfica. Isso significa que ela tem se insurgido contra padrões do amor e da noção de corpo, o que a torna transgressora, violadora dos códigos morais. Dessa forma, a maneira como o feminino se apresenta na poesia de Luis Carlos Guimarães, quer seja através da representação sensual de frutas ou explicitamente pela descrição do corpo da mulher, é significativo para a compreensão das inúmeras formas que a sexualidade e mais particularmente a representação de gênero podem ser assumidas no ato poético.

PALAVRAS-CHAVE: Erotismo; Poesia norte-rio-grandense; Luís Carlos Guimarães.

ABSTRACT: The present work analyzes thematic aspects of the work of the poet Luis Carlos Guimarães, born in Rio Grande do Norte, Brazil. The primary intention of this article, however, focuses on a specific theme: the representation of the feminine that arises from the eroticization of everyday elements. The author's poetics is clearly built based on the eroticization everyday life, and these elements are always seen as feminine. As the erotic is invariably linked to love and sex, and this double link has led to several studies on its presence in all areas of knowledge, there is no way to deny, therefore, its importance within literature, even as a propellant of both female and male poetic making. The discussions promoted by Octavio Paz, in *A double flame* (1993), and Georges Bataille in *Erotism* (1997), were taken as theoretical support. The view of these two authors on eroticism allowed to establish the necessary connections with Luis Carlos' poetic, realizing how erotic literature has been seen throughout history: obscene, minor, pornographic. This means that erotic literature has revolted against patterns of love and the notion of the body, which makes it transgressive, violating moral codes. Thus, the way the feminine is presented in Luis Carlos Guimarães' poetry, whether through the sensual representation of fruits or explicitly through

¹ Doutora em Educação. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, onde atua no Programa de Pós-graduação em Educação Profissional (PPGEP/IFRN). E-mail: ilanecfc@gmail.com

² Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professor da rede pública do Rio Grande do Norte.

the description of the woman's body, is significant for the understanding of the innumerable forms that sexuality and more particularly the representation of gender can be assumed in the poetic act.

KEY WORD: Eroticism; Poetry from Rio Grande do Norte; Luis Carlos Guimarães.

INTRODUÇÃO

Read me, do not let me die.

Edna Saint Vincent Millay

Luis Carlos Guimarães é, desde 2005, nome de prêmio para jovens poetas no Estado do Rio Grande do Norte. O poeta Luis Carlos faleceu, de infarto, em maio de 2001. Desde 2005 o nome de Luis Carlos Guimarães é associado à descoberta de poetas ainda inéditos nas terras potiguares. O prêmio, promovido pela Fundação José Augusto, é uma justa homenagem a um homem que dedicou sua vida à poesia, senhor de um lirismo observador, elaborando poemas que surgem como quadros de momentos do cotidiano. Mas este artigo tratará não do prêmio, mas do poeta e de sua poesia, que se desdobra, liricamente, em temas que a constituem pela sua recorrência.

Na abertura deste artigo, um verso utilizado como uma das epígrafes do livro *A lua no espelho* (1993), de Luis Carlos Guimarães. O verso é um chamado aos leitores para que deem vida não só aos seus versos, mas, por meio deles, à própria autora. Seguida dessa epígrafe, no mesmo livro, o escritor retoma Jean Cocteau quando afirma: *Ninguém ignora que a poesia é uma solidão espantosa, uma maldição de nascença, uma doença da alma*. As duas epígrafes dizem muito sobre a forma como o poeta encarava seu próprio trabalho com a palavra e sobre como esperava ser recebido por seus leitores. Ele conclama à leitura, mas avisa, entrar nessas paragens é assumir uma condição de solidão irrefreável. Há uma clara melancolia e um certo pessimismo que resvalam pelas entrelinhas das epígrafes e que atingem em cheio alguns versos do poeta em sua observação do cotidiano das cidades, em seu lirismo racionalizado, em sua observação atenta a detalhes de sua paisagem geográfica e subjetiva. Os poemas iniciais desse livro, intitulados “Aquarela do anjo ou coroa de sonetinhos de quem não conta carneirinho em noite de insônia”, aliás, já destila essa melancolia a partir dos últimos versos do primeiro poema:

meu soneto: sonetinho
inútil, turvo, sem brilho,
vidro moído, vidrilho

(GUIMARÃES, 1993, p. 29)

Compreender melhor os aspectos que compõem a estrutura temática da obra de Luis Carlos Guimarães é a intenção primeira deste artigo que focaliza, no entanto, um tema em particular: a representação do feminino a partir da erotização de elementos do cotidiano.

O erótico está invariavelmente ligado ao amor e ao sexo. Otávio Paz nos lembra que “O erotismo é a dimensão humana da sexualidade, aquilo que a imaginação acrescenta à natureza” (1993, p. 124). Essa dupla ligação do erótico tem levado a vários estudos sobre sua presença em todas as áreas do conhecimento. Não há como negar, portanto, a sua importância dentro da literatura, até mesmo como propulsor do fazer poético tanto feminino quanto masculino.

A literatura de cunho erótico representa, portanto, uma das formas da experiência humana. Nela, ainda de acordo com Otávio Paz, “A alma é corpo: sensação; a sensação torna-se afecto, sentimento, paixão” (1993, p. 124). Assim, a representação do corpo desejante e desejado na poesia erótica torna presente uma experiência sensorial, levando a um compartilhamento entre as experiências do poeta, que as transfigura em palavra, e do leitor, que dá vida às palavras em sua leitura.

O próprio fazer poético pode ser percebido por meio dessa lente erótica, trazendo à tona a sua corporalidade e o seu prazer. O próprio Luis Carlos Guimarães assim o descreve ao discorrer sobre as várias faces e disfarces do poema:

o poema tem mil faces.
Quando necessário usa
Outros mil disfarces.
Roupage onde me oculto
Ou me exibo como sol
Abrindo a corola do dia.
[...]
Enxame de abelhas
Na jóia do teu púbis,
Tua sede, minha sede.

(GUIMARÃES, 1983, p.15-21)

O erótico surge a partir de qualquer estímulo: da imagem, da memória, do toque. A partir do estímulo, diz-nos ainda Paz: “[...] começa essa série de operações a que chamamos

sentir, perceber, observar, medir, escolher, combinar, rejeitar, tentar, decidir, etc.” (PAZ, 1993, p. 133)

Este trabalho, portanto, busca compreender a erotização de elementos do cotidiano, elaborado pelo poeta a partir do corpo feminino, passando, a princípio por um breve percurso biográfico do autor e sobre sua produção poética.

1. O APRENDIZ E A CANÇÃO

*[...]Eu que não tive o mar
Somente chuva caindo pesada nos telhados
Molhando carne e coração [...]
O domingo com sua alegria inútil,
O coreto derramando músicas alegres
e o meu primeiro grito de criança na tarde
acordando luzes no coração [...].*

(GUIMARÃES, 1983, p. 37)

No poema, o poeta lembra a chuva, fator relevante para um filho do sertão, de onde se constituem as imagens de sua infância. As alegrias da praça, a chuva nos telhados, os gritos das crianças ao brincar na tarde. Luis Carlos Guimarães nasceu na cidade de Currais Novos, interior do Rio Grande do Norte, em 23 de maio de 1934 e faleceu vítima de um enfarte, em Natal, em 01 de julho de 2001 após se questionar, no poema “Ode ao enfarte do miocárdio”, de 1982:

Se o enfarte vier,
atravessarei
a ponte de safena?

(GUIMARÃES, 1984, p. 28).

O poeta não conseguiu atravessar a última ponte que o ligava à vida, mas atravessou pontes por meio da poesia. Luis Carlos viveu a maior parte de sua vida em Natal, onde atuou como jornalista, Juiz de Direito e professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Sua estreia como escritor se deu em 1961, com o livro *O aprendiz e a canção*. Depois desse livro, publicou *As cores do dia* (1965), que recebeu o prêmio Luis da Câmara Cascudo; *Ponto de fuga* (1979), que obteve o prêmio da Fundação José Augusto; *O sal da palavra* (1984), *Pauta de passarinho* (1992), *A lua no espelho* (1993) e *O fruto maduro*

(1996). Recebeu também o prêmio Luis da Câmara Cascudo, em 1974, pela novela ainda inédita *O pequeno relógio da coragem*. Publicou suas traduções de poetas latino-americanos e do poeta Frances Arthur Rimbaud no livro *116 traições bem intencionadas* (1997). Após sua morte, seu filho Ricardo Luis Lins Guimarães organizou algumas de suas crônicas na coletânea *Pois é, a poesia* (2002).

A importância de Luis Carlos Guimarães para a produção literária potiguar é imensa, tendo sido, reconhecidamente, um dos principais autores de sua geração e influência para uma série de autores posteriores. Por sua relevância, desde 2005 instituiu-se o prêmio de poesia Luis Carlos Guimarães, mencionado na abertura deste artigo.

2. O SAL DA PALAVRA

Ao traçar um breve estudo sobre o percurso poético de Luis Carlos Guimarães, no texto introdutório à *Lua no espelho* (1993), o também poeta e estudioso Paulo de Tarso Correia de Melo aponta alguns elementos recorrentes na poesia de Luis Carlos Guimarães:

- O lirismo racionalizado;
- As enumerações díspares;
- A sensualização de elementos do cotidiano;
- A retomada e revisão constantes das próprias produções;
- A bem controlada riqueza vocabular;
- A presença da intertextualidade, com estilização e apropriação literárias;
- A vertente telúrica e regional;
- O domínio e apuro de diferentes formas poéticas;

Todos os elementos apontados por Paulo de Tarso podem ser observados em poemas do seu livro coletânea que é *O Sal da palavra* (1983), inclusive a retomada e revisão de seus próprios poemas de *O aprendiz e a canção* (1961), republicados nesse novo livro.

Seu lirismo racionalizado se expressa, por exemplo, em “colagem”, que se organiza em contraponto entre os anos de mocidade do poeta (anos 50) e o momento em que lança *O Sal da palavra* (anos 80). São 12 contrapontos em versos (na verdade seis pares de estrofes) que se estruturam sempre de forma similar, a primeira estrofe sempre indicando uma certa nostalgia, apontando aspectos positivos dos anos 50, uma segunda estrofe intermédia que

destaca aspectos objetivos do cotidiano (o bonde, o tocar dos sinos ...) e o fragmento seguinte que traz a primeira estrofe tematizando sobre aspectos da modernidade dos anos 80, com uma nova estrofe intermédia que também se debruça sobre aspectos do cotidiano moderno (o pivete, o jeans...). Observe-se os fragmentos inicial e final:

- 1) nos anos cinquenta
setembro jogava flores pela janela
no meu poema lírico

um bonde desaparecia
na curva breve
da esquina

[...]

- 12) nos anos oitenta,
na cabine de naves espaciais,
com mísseis radiosos como belas misses
o homem comandará a destruição do mundo,
a convulsão planetária,
diante de painéis eletrônicos?

Helicópteros gigantes,
Ao som de musica de balé
Dançarão como elefantes
A Valsa do Apocalipse?

(GUIMARÃES, 1983, p. 23-26)

Observe-se que não há um derramamento do lirismo, ele é contido e se ampara fortemente na observação do mundo. Esse poema também cede à enumeração por meio de elementos que representam, sob o ponto de vista do poeta, as duas décadas em destaque. Dos bondes dos anos cinquenta aos mísseis dos anos 80, o poeta antevê a destruição do mundo pelos homens e uma convulsão planetária que nos lembra, imediatamente, os desígnios que atravessamos em tempos de pandemia em 2020. Na última estrofe, um panorama que lembra uma guerra, aliás, uma aparente referência à cena do filme *Apocalypse Now*, de Francis Ford Coppola (1979), cujos helicópteros sobrevoam a paisagem da guerra do Vietnã ao som de *As Walkírias*, de Richard Wagner. Seria essa a valsa do apocalipse, se questiona o poeta. As guerras como vetores para a destruição humana são elementos marcantes do século XX.

Em outros momentos, a ironia e o bom humor são os recursos mais evidentes na exploração de sua veia lírica, inclusive com sinais de certo engajamento social.

CANÇÃO URBANA

O que me chama a atenção é um homem sozinho numa mesa,
Nos seus cinquenta anos bem morridos,
A entornar seu chope silenciosamente,
O homem do paletó cor de goiaba.
Necessariamente funcionário público,
Na vizinhança da obesidade e do enfarte,
O homem do paletó cor de goiaba
Tem cinco filhos, três netos,
Uma mulher de barriga caída e varizes nos braços e nas pernas,
Um apartamento de dois quartos no 12º andar do Edifício Flor
das Laranjeiras
[...]
(GUIMARÃES, 1983, p. 83).

O funcionário público surge em solitário e silencioso, tomando um chope e ruminando uma vida medíocre. A imagem do cidadão de classe média transparece com tintas de amargura irônica nos versos do poema.

Esses dois poemas também são indícios da preocupação formal de Luis Carlos Guimarães, que os estrutura de forma a atingir a maior convergência possível entre forma e conteúdo. Essa preocupação com a forma também atinge poemas em que homenageia outros poetas que o influenciaram, caso de Garcia Lorca, por exemplo, em “Romance para Federico Garcia Lorca, à maneira do poeta”:

Em cavalos cor de âmbar
- os cascos batendo o chão
de jacintos e de nardos –
carabineiros passavam
na noite recém-nascida;
punhais fincados na cinta,
os pés firmes nos estribos,
as mãos seguras nas rédeas
e a palma das baionetas
com seus brihos acerados
despontando dos fuzis.
Ia entre eles Federico
as mãos atadas em cruz:
voz ferida na garganta,
bagas de suor e sangue
queimando a rota camisa.
[...]
(GUIMARÃES, 1983, p. 143)

O longo poema, que se divide em três estrofes, é construído de forma a tentar reproduzir não só a forma, mas a imagística dos poemas do espanhol, ao mesmo tempo em que tematiza sobre a morte de Lorca. Dessa forma, o poema também estabelece um rico diálogo intertextual com a obra do poeta espanhol. Diálogo que se estende a vários outros escritores de quem Luis Carlos Guimarães era leitor contumaz, que se transformam também em tema de seus poemas, caso de Cecília Meireles, Newton Navarro, Pedro Nava, entre outros.

3. O FEMININO EROTIZADO NA POESIA DE LUIS CARLOS GUIMARÃES

A contemplação da formosura é uma epifania.

(PAZ, 1993, p. 62)

O cerne deste artigo se debruça especificamente sobre um dos elementos marcantes da obra deste poeta: a erotização de elementos do cotidiano que, na poética de Luis Carlos, sempre passam por uma feminização.

A literatura erótica tem sido traçada, ao longo da história, como obscena, menor ou mesmo pornográfica. Isso significa que tem se insurgido contra um parâmetro de elevação do amor e do corpo, o que a torna transgressora, violadora dos códigos morais. Georges Bataille (1987), ao estudar o erotismo, nos informa que ele reside exatamente na entrelinha entre a interdição e a transgressão e é uma criação profundamente humana, pois destina-se apenas ao prazer e não à procriação, enquanto a sexualidade animal é instintiva e funcional.

A mulher surge na poesia de Luis Carlos Guimarães como costuma surgir na maioria dos poetas, sob um olhar de observação, de admiração ou de desejo e, assim, portanto, muitas vezes como agente constitutivo do erótico. Em geral, ela é representada a partir do olhar observador e desejante do homem, que percebe a mulher como Vênus, quase inacessível, mas carnal e lasciva, como a que surge das águas do mar em “Sagração do verão”:

De repente a mulher desabrochou nua
saindo do mar, pois a água não a vestia,
antes a desnudava, fazendo a sua
nudez mais nua à dura luz que afia
seu gume no sol da manhã que inaugura
o verão. Dezembro só luz reverbera
e, seu corpo, doura-lhe as coxas, fulgura
nas ancas, no dorso ondulado de fera.

Fera que guarda no ventre uma colméia
com a flor em brasa do sexo que ateia
fogo ao meu desejo e tanto me consome
a vulva, gruta, rosa de pelos – que nome
tenha -, que desfaleço como se em sangue
me esvaisse morrendo de amor. Exangue.

(GUIMARÃES, 1993, p. 85).

Note-se que a Vênus que surge das águas não apenas incita à admiração, por sua beleza, mas ao desejo, compondo-se ao mesmo tempo como sujeito e objeto desse desejo, posto que expõe-se nua, “vestida de água” à admiração do eu-lírico, mas também “ateia fogo ao desejo”, consumindo o poeta que morre de amor. A imagem clássica do nascimento de Vênus, sacralizada por Boticelli em seu quadro, ganha uma dimensão moderna e carnal, dessacralizada, focada no corpo e em suas formas.

Essas várias possibilidades de representação do feminino, no entanto, ainda não esgotam as utilizadas pelo poeta potiguar em sua produção poética. Ao erotizar elementos do cotidiano, ele os constrói a partir de atributos femininos e, neste artigo, caso de um pequeno conjunto de poemas sobre as frutas. Um conjunto de cinco poemas, cada um dedicado a uma fruta, descrita por meio de uma série de atributos sensoriais como se pode ver a partir do primeiro, dedicado às pitombas.

AS PITOMBAS

São as doces pitombas,
plebeu e mágico fruto,
que a memória gustativa
não esquece, mesmo sendo
de tão pouco usufruto.
Explorando o peso pluma
na planície da mão aberta,
o olhar/fome de menino
em vê-la aguça o paladar.
Depois segue-se o ritual
de prová-las, uma a uma;
presas entre o polegar,
o médio e o indicador,
expõem ao contato labial
a suave aspereza da casca:
a veste a se desnudar.
Dentro da boca excitada,
sob o céu palatino,
o dente não mordente,
acariciante, sem dor,

despe o vegetal vestido.
De saliva hidratada,
ágil, a língua tátil sente
a polpa verniz acre-doce:
o adulto, voraz e sensual,
degusta-a, outra vez menino.

(GUIMARÃES, 1983, p. 109)

O poema inicia-se como uma descrição das frutas que destacam o seu sabor doce, sua polpa exígua, seu peso mínimo. A partir dessa introdução, o eu lírico passa à descrição do processo de consumo dessa fruta que passa a ser degustada a partir de imagens não só sensoriais, mas eróticas: a “suave aspereza” de sua casca, o desnudamento de sua veste; a excitação ao prová-la, a polpa acre-doce que excita. O eu que fala, masculino e adulto “voraz e sensual”, passa a menino ao degustar a pitomba. O ato de desnudar a pitomba e degustá-la é praticamente descrito como o desnudamento das vestes femininas expostas ao olhar desejante de seu amante, por isso o adulto sensual e voraz se derrama ao prazer do sabor que emana de seu contato com a fruta.

Em contraposição ao demorado poema sobre as pitombas, em que são necessários 26 versos para descrever a fruta e o prazer de prová-la, o poeta é bem mais contido ao tratar da carambola. São apenas 04 versos, no entanto, a referência ao prazer ainda permanece. Agora a voraz sensualidade do adulto é punida por não conseguir jamais saborear a totalidade do acre/doce da carambola:

A CARAMBOLA

Por não ser mais menino,
o adulto jamais saberá
o acre/doce sabor fino
que tem a carambola.

(GUIMARÃES, 1983, p. 111)

Fica evidente a contraposição entre o homem adulto e o menino em ambos os poemas. O menino, pela sua inexperiência, talvez, se abre de forma mais ampla às possibilidades sensoriais das frutas. O homem, limitado pelo desejo da carne, se perde nas sutilezas das nuances de sabor.

O abacate, apesar de substantivo masculino, também é descrito de forma extremamente lânguida e feminina, ao se oferecer aberto em duas metades ao sabor do poeta, expondo sua carne sensual:

O ABACATE

As metades no prato,
com languidez vegetal
o abacate se dá em dois,
quando expõe sua cremosa
carne verde, sensual.

(GUIMARÃES, 1983, p. 110)

A laranja é a penúltima das frutas a ser abordada pelo poeta, ele a desvenda no escuro, tateando sua forma, identificando sua pele, seu cheiro e adivinhando-lhe o sabor. Dentre as frutas, é a menos erotizada, embora o passeio da mão do poeta pela sua casca lembre o passeio das mãos do amante pelo corpo da amada.

A LARANJA

Mesmo no escuro,
só em apalpá-la,
a mão identifica
a redonda face
rugosa da laranja.

(GUIMARÃES, 1983, p. 112)

Bataille (1987) nos lembra que na construção do erótico, a parte feminina é sempre representada em estado de passividade, enquanto a masculina é ativa. A conjunção desses elementos tem por finalidade a fusão, “onde se misturam dois seres que ao final chegam juntos ao mesmo ponto de dissolução” (BATAILLE, 1987, p. 14). A concretização do erótico exige a destruição do ser fechado em função da criação de um novo ser, fundido. As frutas representadas por Luís Carlos Guimarães também se expõem, passivamente, à exploração sensorial do poeta.

Da mesma forma que o abacate, o pêsego, também substantivo masculino, transfigura-se em fêmea que, exposta à exploração desejosa do eu lírico, deixa-se acariciar e excitar para, só então, expor-se em dois, revelando um ventre feminino, vulva a se oferecer ao beijo, à língua, ao desejo do amante.

O PÊSEGO

Por si só, como fruto,
não sugere seu sabor.

Para mim que desfruto
de sua forma, sua cor,
e com mão aliciante
sinto a polpa veludosa,
não penso no gosto diante
da penugem de tons rosa.
De repente, perplexo,
vejo um ventre de mulher:
sua vulva, o morno sexo
que está a se oferecer.
O pelo da pele beijo,
mordo a carne sumarenta
se me acende um desejo
que não se dessedenta.
A fome da minha língua
agora está saciada,
a do desejo não míngua,
tem que ser adiada.

(GUIMARÃES, 1983, p. 113)

Na concretização do desejo, o provar, o saborear da fruta, está o ponto fulcral do desejo erótico. “Toda a concretização do erotismo tem por fim atingir o mais íntimo do ser, no ponto em que o coração nos falta” (BATAILLE, 1987, p. 14). A fruta, conteúdo erótico feminino que se abre ao paladar do poeta, que se entrega à sua própria dissolução está, na verdade, atingindo o ponto máximo a que anseia o desejo erótico, que pretende a dissolução dos seres, na construção de um novo ser, fundindo as duas partes: o masculino e o feminino. No entanto, essa dissolução da fruta não encerra o desejo erótico, posto que só a língua a saboreia, assim, a “fome da língua” fica saciada, mas “a do desejo não míngua” se renova a cada nova percepção do corpo do outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trazer à luz alguns dos aspectos da poesia de Luis Carlos Guimarães era o ponto fulcral desse artigo que, para compreender o texto, passeou pela biografia do poeta. O foco desse olhar se limita a compreender seu lirismo que se constitui em alguns momentos por meio de uma crítica social, ou pelo uso da ironia ou mesmo por meio da constatação da passagem do tempo. Em todos esses momentos, está sempre evidente o olhar sobre o cotidiano. Nesse passeio pelo cotidiano na poesia de Luis Carlos Guimarães, o elemento erótico se evidenciou, principalmente, a partir do conjunto de poemas que retratam frutas.

Ao comentar a possível relação entre o erotismo e a poesia Octavio Paz afirma que “o primeiro é uma poética corporal e que a segunda é uma erótica verbal” (PAZ, 1993, p. 09). Esta inversão proposta pelo escritor mexicano parece-nos uma boa definição para sintetizar as considerações aqui formuladas sobre os poemas selecionados da obra de Luis Carlos Guimarães. A sensualidade quase tátil perceptível nesses poemas, com imagens e apelos exacerbados aos sentidos, tem o intuito claro de destinar à palavra sua materialidade erótica, pronunciável: “O pelo da pele beijo”. Com isto, a escolha do poeta pelas frutas como representação do corpo feminino extrapola a metáfora e transfere para o poema o corpo idealizado/desejado, como a fusão entre o erótico e a linguagem poética proposta por Octavio Paz.

O poeta não se rende à estereótipos, mas explora as possibilidades do desejo a partir de elementos que constituem cada corpo/fruta: a maciez da carne, a rugosidade da pele, a penugem macia, o sabor acre-doce. Todos os elementos são passíveis de desejo e de concretização do erótico.

REFERÊNCIAS

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad. Antonio Carlos Viana. São Paulo: L&PM, 1987. Disponível em: <http://salsichaotainha.files.wordpress.com/2011/05/georges-bataille-o-erotismo.pdf> Acesso em 17 de junho de 2013.

GUIMARÃES, Luis Carlos. *O sal da palavra*, Natal: Editora Universitária/UFRN, 1983.

_____. *A lua no espelho*. Natal: Clima, 1993.

_____. *Pauta de passarinho*. Natal: Boágua Editora, 1992.

_____. *Pois é a poesia*. Natal: Fundação José Augusto, 2002.

PAZ, Octávio. *A chama dupla: amor e erotismo*. Trad. José Bento. Lisboa: Assírio & Alvim, 1993.

Recebido em: 23/08/2019

Aprovado em: 19/10/2020

Publicado em: 11/12/2020